



**Os ossos falam** Espécies domésticas, como o cão ou o boi, sofreram diferentes eventos de domesticação ao longo de tempo, afastando-se gradualmente dos seus parentes selvagens, como o lobo ou o auroque, e constituindo as raças hoje sobreviventes – 10 no caso do cão em Portugal e 13 entre os bovinos. No ano passado, o Grupo de Biologia Molecular do INETI iniciou um projecto para testar geneticamente registos ósseos de canídeos e bovídeos recolhidos em escavações arqueológicas. “Durante o processo de domesticação destes animais selvagens, talvez tenham ocorrido fenómenos independentes na Península Ibérica que tenham dado origem a raças autóctones”, diz Catarina Ginja, da Estação Zootécnica Nacional. Para tal, identificaram-se, com o apoio do IGESPAR, ossos de canídeos ou bovídeos aos quais foi retirada uma amostra de 1cm<sup>3</sup>. Dessas amostras – que cobrem diferentes períodos históricos, do Mesolítico à Idade Média, e representam animais selvagens e domésticos – tentar-se-á extrair material genético válido, contando com o apoio de um laboratório



em Lyon especializado em paleogenética. “A taxa de recuperação de DNA em ossos ou dentes com estas idades ronda os 30%”, diz a investigadora Elisabete Pires. “Mas saberemos certamente mais sobre os antepassados do cão e do boi em Portugal.”



Ao cortar uma pequena parcela de um osso de auroque da colecção do Museu Geológico em Lisboa, Elisabete Pires espera encontrar DNA ainda íntegro. No topo, parte do esqueleto do cão mais antigo descoberto em Portugal – um exemplar com cerca de 7.500 anos.